

REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Combro, 28-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Tathaba - Lisboa • Telefone: 1

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UM EXEMPLO

C. G. T.

Toma àmanhã posse o Comité Confederal

Comeca a restabelecer-se já a correspondência da Alemanha com os vários países que, durante a guerra, lhe eram adversos. Isto representa o primeiro sintoma do ressurgimento económico de um povo que o esforço exorbitante de quatro anos não cansou. Daqui a pouco chegarão a Portugal os primeiros caixeiros viajantes de Berlim e Hamburgo, a fazer-nos negociações com os seus produtos, vistosos, magníficos, e a preços de elevável concorrência.

A Alemanha é um país onde se trabalha, e se trabalha bem, e em pode esse país servir de exemplo e modelo aos outros que queiram progredir e triunfar. Compreenda-se o que queremos dizer com isto. A Alemanha foi nunca para nós um país ideal, como a Suíça o não é também, estando o nosso espírito de ressurgimento pouco adaptado aos moldes dumha organização social militarmente disciplinada. Não podemos, no entanto, ocultar a nossa admiração pelo esforço dum povo que consegue resarcir-se rapidamente do choque formidável que recebeu.

Acreditamos sem custo que se Alemanha lograsse, por um esforço último, afugentar as tensões militaristas que, à face do mundo civilizado, empanam o solho do seu progresso, seria, dentro de pouco tempo, a nação mais digna da nossa admiração. O facto de sermos nós republicanos não nos inibe de preiar, na justa medida, o progresso técnico, industrial ou administrativo de uma sociedade, pois nesse progresso há principalmente o esforço de um povo mais que a eficácia de um regime político. Tanto assim que a revolução por que ansiamos trará aos povos uma soma de bem estar maior quanto mais perfeitação desenvolvida e organizada tiver, na época em que a revolução se produzir, o funcionamento dos agregados sociais.

Por modo que o exemplo da Alemanha pode desenfastiadamente pôr-se em confronto com que se cá vai neste bem dito país, que guerra aliás não flagelou tanto como a outros países que desde o inicio da função andaram na baixa, a teza e a sério. Em quanto a Alemanha se organiza nós deixamos que em Portugal a desorganização cada vez mais alastrante e se profunde. A indústria, de decadente passou a moribunda; a agricultura, de pobre que sempre foi tornou-se agonizante. Politicamente, se sempre estivemos mal, pioramos, e continuaremos piorando.

Levam isto a concluir que emquanto esperamos o momento asado para descarregar nos fundamentos róidos da sociedade burguesa a machadada decisiva, podemos ir fazendo obra revolucionária com procurar empurrar para a frente esta caranguejola que parou, privada de energias próprias ou impedida de funcionar pela parasitagem que lhe empresta o movimento progressivo.

É por estas razões que o progresso incessante da Alemanha chama a atenção. Observe-se o seu trabalho, e veja-se quanto ele tem de perduravelmente útil, excepto quando se aplica na perversa procura de engenhos guerreiros, progressivamente mais mortíferos. E repare-se depois como a modorra portuguesa distanciaria futuro, e quanto os nossos mais íntimos interesses andam ligados ao progresso omnímodo da sociedade actual.

Levam isto a concluir que emquanto esperamos o momento asado para descarregar nos fundamentos róidos da sociedade burguesa a machadada decisiva, podemos ir fazendo obra revolucionária com procurar empurrar para a frente esta caranguejola que parou, privada de energias próprias ou impedida de funcionar pela parasitagem que lhe empresta o movimento progressivo.

sistemas do Norte, entre os quais se situavam, pelo seu espírito franco e alegre, os camaradas que pertencem às corporações que constituem a nova Federação Nacional da Indústria do Calçado, Couros e Peles, tendo-se-nos deparado entre eles um verdadeiro poeta, o camarada Júlio Compós, a quem vimos improvisar versos cheios de sentido e graca.

Na quarta feira, grupos de congressistas visitaram a Universidade, lamentando apenas não disporrem do tempo necessário para bem apreciarem o interesse do, tantas vezes, secular edifício; o hospital, que se encontra magnificamente montado, e outros interessantes edifícios da cidade de Coimbra, tendo sido alvo das maiores atenções por toda a parte por onde passaram.

Assim, o Congresso de Coimbra, além das vantagens apreciáveis que trouxe ao movimento operário, ainda teve como importante resultado uma maior identificação, se possível é, dos militantes operários de todo o país, amando-os, assim, a prosseguir com redestrada energia na obra comum, que por vezes acarretava dôres bem amargos e sacrifícios bem pesados.

Congresso ferroviário

Ferroviários do Sul e Sueste

Para nomeação de delegados à comissão organizadora do Congresso Nacional Ferroviário, reuniu-se no dia 29 do corrente os ferroviários do Sul e Sueste.

As 8 horas de trabalho

Iludindo os regulamentos

Informam-nos de que num prédio em construção na rua de Santa Marta, pertencente a Aires do Nascimento & C. A., escandalosa, a falta de respeito pelo horário de trabalho, chegando-se a trabalhar 4 e 5 horas suplementares por dia, do que resultou não serem admitidos mais quatro ou cinco camaradas que ali encontraram trabalho se não fossem as talas horas suplementares.

C. G. T.

II CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL DOCUMENTOS APROVADOS:

Moção da organização dos trabalhadores rurais

O Congresso resolve aceitar como única forma de atenuar a crise económica actual as reclamações formuladas ao governo pelos trabalhadores rurais e aprovadas no seu último Congresso.

Os delegados da Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais e dos sindicatos agrários, representados no Congresso Operário Nacional, apresentaram na última sessão daquela importante reunião uma moção sobre um projecto de lei do deputado sr. João Camoezas, moção que foi brilhantemente justificada por quatro deles delegados. E' do seguinte teor esse documento:

Considerando que até esta data alguém procurou efectivar as reclamações aprovadas no último Congresso dos Trabalhadores Rurais, realizando em Lisboa, e apresentadas ao governo.

considerando que essas reclamações não se achavam limitadas aos interesses dum só classe, mas diziam respeito à própria economia nacional, pois que por elas podiam os governantes atenuar a tremenda crise económica que tem assoreado o país e de que as classes trabalhadoras tem sido as primeiras vítimas;

considerando que o manifesto desse que todos os governantes tem manifestado pelas resoluções dos Congressos operários, na sua parte económica, tem sido o principal factor da decadência do país e da situação afflitiva do povo português;

considerando que os lavradores do concelho de Fvora, perante as autoridades administrativas e militares e os representantes da classe trabalhadora, declararam há pouco tempo que a existência de trigo não daria para um consumo que fosse além de quatro meses;

considerando que uma tal declaração representa, não só para a classe operária (eterna vítima de todas as crises), mas para todo o povo português a gravíssima ameaça de ter de suportar uma situação económica mais perigosa do que a actual, que poderá ir até à fome;

considerando que as anunciatas provisões a tomar pelo parlamento não tem passado de mera especulação política por parte das cortes que ali pontificam, vomitando decretos que não são mais do que verdadeiras monstruosidades, atentatórias não só da liberdade de ação da classe operária, como até mesmo da necessidade mais urgente da população do país;

considerando que uma das provas flagrantes dessa afirmação é o projecto de lei apresentado ao parlamento pelo deputado sr. João Camoezas, na sessão do dia 14 do corrente, e publicado no jornal "A Batalha" do dia 15, projecto de lei que por uma forma verdadeiramente astuciosa pretende iludir a opinião pública, contendo a obrigatoriedade da cultura agrária, não a impondo aos lavradores e grandes proprietários, mas sim aos desgraçados que, devido à organização social actual, enchem as cadeias do país e das colónias, submetendo-os ao regime infamante e intolerável dos trabalhadores forçados;

O II Congresso Operário Nacional, resolve:

1.º Repudiar o projecto de lei ultimamente apresentado ao parlamento pelo deputado sr. João Camoezas;

2.º Aceitar como única forma de atenuar a crise económica actual, afastando o perigo da fome, as reclamações

MAIS VIOLENCIAS!

Prisão do operário metalúrgico António Peixes e de Cristiano Lima, quando falavam numa sessão

Julgávamos que as autoridades tivessem definitivamente desistido de perseguir os militantes operários, perante o pouco resultado das suas violências, que mais faziam aumentar o amor do operário consciente pela organização operária. Enganámo-nos. Hoje mais uma violência temos a registar nestas colunas. Passemos a relatar os factos, de cuja singeleza bem ressalta a forma arbitrária como neste país se fazem prisões.

Promovida pelo Sindicato Único Metalúrgico, realizou-se ontem, no quinto do Trafaria Futebol Club, na vila da Trafaria, uma sessão de propaganda sindical, que estava muito concorrida. De Lisboa foram vários camaradas metalúrgicos assistir ao acto e, entre eles, o nosso camarada e amigo António Peixes. Aberta a sessão às 16 horas, falaram, sem que novidade de maior houvesse, Joaquim da Silva, David Augusto Correia e Cristiano Lima. Tomou, depois, a palavra, o camarada Peixes, que salientou a necessidade da organização sindical, fazendo ligeiras referências aos operários que são obrigados a envergar a farda. Pôs foi o bastante para que um sargento que estava presente, chamado Joaquim Dionísio, da 4.ª companhia do 1.º batalhão de artilharia de costa, o interrompesse violentamente, apontando-lhe uma pistola ao peito e dando-lhe voz prisão.

O caso causou grande indignação entre o auditório que, veementemente protestou contra a inqualificável violência, o que fez subir ao rubro a colera do sargento, que continuou ameaçando vários camaradas com a pistola.

António Peixes seguiu para o forte da Trafaria, tendo um numeroso grupo de camaradas comunicado ao sargento que estava plenamente

OS BOLXEVÍQUES, AGENTES ALEMÃES

História edificante de documentos "autênticos" e de autênticas calúnias

Logo que estalou na Rússia a revolução maximalista, a burguesia fez correr que o grandioso movimento não passava dumha tenebrosa manobra alemã, dirigida por agentes germânicos... Mesmo depois de se ver a parte que a revolução russa teve no descalabro interno do militarismo dos Impérios Centrais e seus aliados, ainda a estúpida mentira continuou a circular pela imprensa de grande crenetização.

Jornais houve que chegaram a reproduzir documentos "autênticos" - ordens do Banco Imperial Alemão e outros - provando que Lénine, Trótski e outros chefes bolxeviques estavam a sólido da Alemanha. Os famosos documentos foram mesmo reunidos em opúsculo, já quando estavam destruídos pela própria contradição de factos e de datas e porque o inventor deles tivera a infeliz ideia de envolver no caso pessoas insuspeitas, que vieram protestar indignadas.

E' pois, interessante reproduzir as declarações feitas aquela New York Evening Post por S. Niortey, director da agência finlandesa de informações. Elas mostram de que raça são os caluniadores da revolução russa e os seus documentos "autênticos", reproduzidos em fotogravura para melhor enganar a massa simplória dos leitores.

Em Janeiro de 1918, alguns contrarrevolucionários russos, que tinham um interesse capital em desacreditar os representantes mais conhecidos da Rússia dos Soviéticos, mandaram ao coronel Robins (director da Cruz Vermelha americana na Rússia) uma série de "documentos" destinados a mostrar as relações sordidas existentes entre os imperialistas alemães e os Soviéticos. Algumas dessas documentos achavam-se nas mãos do governo de Kerénski, em Julho de 1917, época em que esse governo tinha grande empenho em estabelecer que Trótski e Lénine eram agentes alemães.

Depois, um dia, no gabinete do coronel Robins, o sr. Sisson tomou conhecimento dos documentos falsos acima mencionados, levando-os. No dia seguinte, veio pregar ao coronel Robins que por motivo não tinham sido os documentos comunicados ao governo americano. O sr. Robins expôs-lhe então o resultado das suas investigações, acrescentando entretanto que o sr. Sisson deveria informar-se pessoalmente, afim de lhe não restar dúvida alguma sobre a natureza dos documentos. Algumas dias depois, o sr. Sisson visitava de novo o coronel Robins, declarando-lhe que estava pronto a admitir que os "documentos" não eram dignos de fé.

Entretanto, um pouco mais tarde, telegrama o conteúdo deles para os Estados Unidos, apressando-se o centro da imprensa a publicá-lo e a divulgá-lo.

São desta natureza os inimigos da revolução socialista russa, e os "documentos" que elas dão a público em cliché, como se isto tornasse mais autênticos!

O sr. Robins procedeu a um inquérito. Foi visitar, entre outros, o sr. Halpern, que em Julho e Agosto de 1917, dirigiu o processo instaurado contra Trótski, em nome do governo de Kerénski.

O comício de Setúbal

OS CAIXEIROS E AS 8 HORAS

Num importante comício, afirmam o seu desejo

de que o dia de 8 horas entre em vigor

Realizou-se ontem o anunciado comício, promovido pela Associação de Classe dos Empregados do Comércio e Indústria de Setúbal com o fim de tratar da situação da classe dos caixeiros em face da lei das oito horas.

Presidiu José Maria da Costa Corvo, pelo Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio, secretariado por Antonio Braz da Cruz, pela Associação dos Empregados de Comércio e Indústria de Setúbal e Augusto Carlos Rodrigues pelos empregados de escritório de Lisboa.

Abriu a sessão José Maria da Costa Corvo que expôs à assembleia a razão da convocação do comício.

Falaram Gil Gonçalves, pela U.O.N., António de Carvalho, Vasco da Silva, Luciano, Paulo Carreia, delegado das Artes Gráficas de Setúbal, João Silva, pelos trabalhadores do mar e José Corvo da F. P. E. C.

Todos os oradores foram unâmindes em afirmar que os empregados do comércio só poderão reivindicar o alargado horário do trabalho se se unirem e se organizarem, tratando das suas questões e não as confiando aos outros.

Os trabalhadores do comércio esqueceram-se de que temem regalias a conquistar e, em vez de encaminharem-se para o sindicato profissional, vão perder o tempo nos cafés e nas sociedades de recreio. A lei das oito horas não aproveita, certamente, a indignação entre o proletariado, sendo de esperar que as entidades competentes reparem a violência, libertando os operários Antonio Peixes e Cristiano Lima, demonstrando, assim, que a liberdade de pensamento ainda não é uma ficção neste país, apesar de toda a boa vontade de certos amigos da democracia.

Considerando que o regulamento da lei das oito horas não satisfaz as aspirações proletárias, visto que o espírito da lei foi propostamente deturpado;

Considerando que pela forma como a lei foi regulamentada, os empregados do comércio foram completamente ludibriados, quando ficaram nas mesmas condições em que estávamos com a lei n.º 295;

Considerando que os governantes nada mais haviam a esperar, e que os proletários só poderão obter a sua justa reivindicação quando se organizar, resistindo à afronta do patronato, quer da indústria, quer do comércio, que procura esmagar por todas as formas as justas pretensões da classe operária;

Os empregados do comércio de Setúbal reunidos em comício público, resolvem:

1.º aceitar em princípio a lei das oito horas;

2.º repelir o regulamento da mesma por ser contra nós, empregados do comércio, uma baixaria e infâmia lançada à face dos caixeiros;

3.º fazer a máxima propaganda para interessar a classe a conquistar um regulamento que satisfaga plenamente as suas aspirações.

Uma circular

Pelo chefe do governo foi enviada ontem aos governadores civis uma circular onde se lhes recomenda que revistam do maior espírito de legalidade todos os seus actos.

Boa é a doutrina da referida circular, porque nela se condenam as arbitrariedades e os abusos; porém o sr. Sá Cardoso não tem autoridade moral para aconselhar aos seus subordinados o cumprimento da lei, quando ele é o primeiro a autorizar os seu desrespeito.

Para comprovar este nosso reparo, bastaria a enumeração dos seguintes factos:

1.º a organização dos taberneiros, para defender o brio e a dignidade da sua classe.

2.º a organização dos taberneiros, para defender o brio e a dignidade da sua classe.

3.º a organização dos taberneiros, para defender o brio e a dignidade da sua classe.

4.º a organização dos taberneiros, para defender o brio e a dignidade da sua classe.

5.º a organização dos taberneiros, para defender o brio e a dignidade da sua classe.

6.º a organização dos taberneiros, para defender o brio e a dignidade da sua classe.

7.º a organização dos taberneiros, para defender o brio e a dignidade da sua classe.

8.º a organização dos taberneiros, para defender o brio e a dignidade da sua classe.

9.º a organização dos taberneiros, para defender

O QUE É PRECISO PARA EDIFICAR UMA VERDADEIRA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

Três coisas muito simplesmente: 1.º nações; 2.º condições iguais para todos os associados; 3.º um capital social.

Em primeiro lugar, a sociedade capitalista está longe de preencher a primeira condição, fundamental no entanto. A existência de classes de interesses opostos, em permanente luta, torna factícia e ilusória a unidade nacional, que na verdade só existe nos discursos oficiais e na imprensa, que, à força de mentir, perdeu de todo o crédito. A união chamada "sagrada" foi aniquilada durante a imunda guerra, rematada por uma "paz" não menos imunda.

Já antes da guerra aos que duvidavam da existência das classes bastava-lhes apresentar-se, em qualquer estação, diante dum bilheteira qualquer.

E o empregado ou empregada lhes explicaria num instante, com uma só palavra, a que classe pertencem os incrédulos. Desde a guerra, as coisas ainda pioraram, alargaram-se os abismos que separam as classes. Aos antigos ricos vieram juntar-se os novos ricos, aos antigos pobres novos pobres. As novas opulências, escandalosas, ostentam cínicamente a sua origem de lodo e de sangue, o que por certo não contribui para acalmar os espíritos nem para conciliar as classes, em harmonia com os desejos dos nossos guardas da paz social.

Quere a ironia das coisas que sejam precisamente os nacionalistas, adeptos em teoria da unidade nacional, os mais ferozes adversários da classe operária e das suas reivindicações, verdadeiros fomentadores da guerra civil. Para elas, a França acaba de terminar o interesse dos seus privilégios, aos quais tudo é sacrificado.

En quanto durar este regime de luta de irreconciliáveis interesses, pecará a Sociedade das Nações pela base; fatal-lhe há o seu primeiro elemento: nações solidárias, condição primeira dum humanidade solidária.

A segunda premissa dum verdadeira Sociedade das Nações—igualdade dos associados—já definitivamente destruída pelo tratado de Versalhes, conclusão da guerra.

Esse tratado sancionou o princípio da violência e da supremacia da força. A paz de Versalhes é a própria a confessar-se "paz de castigo". E' a paz pública do implacável Jovão, brandindo o gládio dos vencedores, contra os venci-

dos.

Carlos RAPPOROT.

dos culpados. O mundo fica de vez dividido em dois campos: nações de pé, orgulhosas, fazendo de juizes, e povos de joelhos e humilhados, pedindo perdão de não se terem saído bem naquilo em que os seus mestres implacáveis tinham alcançado: a conquista do mundo a ferro e fogo.

Que ironia sangrenta e amarga! A sociedade entre nações vitoriosas e nações esmagadas—todas aliás igualmente arruinadas e escravas de seus governos—entre nações justificadoras e nações "corrigidas", entre nações armadas e nações desarmadas, entre apetites imperialistas satisfeitos e apetites recolhidos, entre imperialismos sacados e imperialismos famintos.

Na verdade, o sr. Wilson—e os nossos socialistas wilsonianos—não são exgentes, se se contentam com essa catarata de Sociedade das Nações, na qual os clamores de triunfo dos vencedores respondem os bramidos de raios dos vencidos. A Sociedade das Nações capitalistas é a imagem exacta da própria "sociedade" capitalista, batizada já por Charles Fourier "inferno social" e "regime dos incoerentes e dos reclusos".

Pra que a Sociedade das Nações seja outra coisa que não assunto inexequível de amargas zombarias, tem que possuir um capital social. E' preciso que o globo não seja tido como propriedade privada dos grandes proprietários que são as grandes potências. Em quanto durar o regime da propriedade-monopólio, sob a forma da propriedade nacional, as nações europeias hão de lutar pela apropriação exclusiva da África e da Ásia, pela partilha dos países fronteiriços. A cada nova fronteira erguer-se hâ uma nova Alsácia-Lorena. Em vez dum só pomo de discórdia, temos hoje um saco inteiro deles, ou uma árvore completa.

Em cada nação, e a propriedade privada a origem da rixa das classes; a propriedade nacional por sua vez gera a guerra das nações. Se queremos deveras a Sociedade das Nações e a paz social, um só meio tende: nacionalizar o solo e os instrumentos de trabalho e internacionalizar o globo.

Fóra da solução socialista, tudo o mais é falso e hipocrisia. Fóra da Internacional socialista, não pode haver Sociedade das Nações!

Carlos RAPPOROT.

Todos os oradores se referiram à ação desenvolvida em Portugal contra o clericalismo pelas sociedades livres pensadoras. Dos oradores distinguiu-se o sr. Fernandes Alves, que se referiu em termos elogiosos à Associação dos Trabalhadores do Mar, pela fundação da sua escola verdadeiramente digna de admiração.

Todos os oradores foram muito aplaudidos pela assembleia, que era numerosa e constituída, na sua maior parte, por excursionistas.

A tarde, a banda que acompanhou a excursão de um concerto na Avenda Todi, regressando a Lisboa às 21.25.

O sr. Bernardino Caetano, portav-estandarte do Gremio Excursionista Civil do Monte, perdeu as duas fitas do estandarte, durante a excursão que ontem se realizou. Pede a quem as achou a favor de as entregar na sede do Gremio, na rua da Graça.

Ainda a greve ferroviária

Os readmitidos como sócios do Sindicato

Veio a esta oficina o camarada Joaquim de Abreu declarar-nos que não é exato ter sido expulso do Sindicato em 1913, como, por errada informação, dissemos no nosso número de anteontem.

Saiu do Sindicato por sua livre vontade, tendo pedido demissão em 1917 por não concordar, como operário consciente que é, com a orientação então seguida naquela agremiação, onde predominava a política, com prejuízo dos interesses do proletariado em geral e do pessoal da C. P. em especial.

Fica feita, pois, a devida rectificação.

Grupo de Solidariedade Humana

Este grupo continua distribuindo subsídios aos ferroviários demitidos e suspensos. Espera em breve realizar uma feira, cujo produto reverterá a favor do cofre, a fim deste grupo poder, com mais amplitude, satisfazer os desejos de vários camaradas.

Este grupo aguarda todo o auxílio dos camaradas que querem com o seu esforço garantir os ferroviários que se sacrificam pela classe, o pão de suas famílias.

OS QUE VIVEM DA FOME PÚBLICA

Aparece mais bacalhau pôdre!

Na azinha de Telheira apareceu esta manhã uma grande quantidade de bacalhau pôdre, que alguém comerciante, receando ser multado, por lá esparhou.

O povo, logo que teve conhecimento do caso, dirigiu-se ao local, tratando de aproveitar bocados que ainda se encontravam em bom estado.

Este caso comprova mais uma vez a decidida má fé dos comerciantes, que sacrificam os interesses da população à sua ganância desmedida. Enquanto os fardos de bacalhau do desconhecido que os foi deitar na azinha de Telheira, apodreciam nos armazéns, quantos e quantos proletários, perante a insuficiência do salário, não se vêm obrigaçados a reduzir ainda mais a alimentação cotidiana, pensando, amarguradamente, que o que isso representa de doloroso para os filhos, que tam cedo comecarão sentindo os efeitos da deficiente organização social.

Falam, entre outros, os srs. João de Deus, Machado Tolá e Fernandes Alves

que revelam de maldade!

A BATALHA no Porto

A U. S. O. do Porto enceta um movimento contra a carestia da vida—Reuniões preparatórias—Afirmações de negociantes—Um comício público—Um manifesto

PORTO, 20.—Trabalha-se activamente para que o comício contra a carestia da vida, que deve realizar-se amanhã, na alameda das Fontainhas, pelas 9 horas, resulte imponente. A propaganda neste sentido tem sido intensa, não seputando a esforços os elementos preponderantes da U. S. O. Anteontem, à noite, a título de reunião preparatória, efectuou-se uma assembleia magna das classes produtoras, da qual assumiu a presidência o delegado dos ourives de prata, secretariado pelos representantes dos picheiros e descarregadores de terra e mar. Falaram vários propagandistas, freneticamente aplaudidos pela assistência, numerosa, por sinal, que puseram em destaque a insuportabilidade dos actuais preços dos géneros de primeira necessidade; os lucros escandalosos dos assambarcadores inerentes à ganância insofrada do mercantilismo; a incircos dos governantes, que se entreteem sómente com a política de campanário e com a super-viés das intenções, não se preocupando com o principal factor que pode ocasionar um levantamento geral das populações, esfomeadas; a miséria descomunal e indescritiva das camadas proletárias em contraste flagrante com as fortunas colectivas dos negociantes milionários, e, ao mesmo tempo, o desleixo criminoso dum grande parte do operariado que se conserva alheio à catástrofe económica que o arrasta para um precipício apavorante e mortífero.

Pra que se não dissesse, porém, que a organização operária procurava agitar as massas escravizadas sem, ao menos, ter um pouco de atenção para os acusados destes mal-estar-social, ouviram, uma vez terminada a reunião, aclamação, a Comissão Administrativa da U. S. O. convidou as direções das colectividades industriais e comerciais a comparecerem no largo do Bom-jardim, a fim de, juntamente com as direções dos sindicatos operários, resolverem o melhor processo prático de primeira necessidade, evitando-se assim o perigo de uma sublevação à italiana, perigo, aliás, que tanto temem. As talas direções convidadas, como é de prever, não se deram ao luxo de um inócum passageiro, demonstrando eloquentemente que a miséria do seu semelhante é coisa de pouca monta para elas. Em compensação, porém, apareceu uma comissão de três negociantes, um dos quais um tal Marques Araújo que, ao que afirmaram, constituem uma comissão organizadora dum nova Associação comercial. Estes senhores, uma vez atacados, embora delicadamente, pelos representantes operários presentes, desenferrujaram bastante a língua, fazendo afirmações dignas de registro. Atacaram o Estado, ou antes, os governos, acusando-os como os responsáveis da actual situação económica e, por consequência, da grave crise das subsistências. Em lugar de tornar o comércio livre, tornando, portanto, livre a sua importação, opõe-lhe todos os obstáculos, tanto mais complicados, quanto é certo que, apesar de terminarem com o ministério das subsistências, ainda mais os seus efeitos se fazem sentir, porque os fiscais ficaram a exercer a sua ação nefasta.

Referiram-se aqueles comerciantes às tabelas oficiais dos preços porque devem ser vendidos determinados géneros, afirmando que essas tabelas são elaboradas aérialmente, carregando nos géneros que podem ser vendidos mais em conta e determinando que os que não podem baixar de preço se coloquem no mercado por preços baratinhos. Aludiram ao facto da apreensão do bacalhau pôdre, e garantiram que não pode deixar de apoderecer nos armazéns. Segundo elas, o bacalhau vem da Terra Nova à consignação dos negociantes portugueses. O preço é taxado pelos comerciantes ingleses consoante a cotação, a situação do câmbio, de cujo preço se não pode fugir. Não vale participar aos negociantes estrangeiros que o povo não lhe paga, porque elas ordenam imediatamente: "fechem-na". Daí a razão do seu apodrecimento.

Há muitos géneros, os armazéns estão abarrotados, mas um poder mais alto se elevanta a ordenar que se vendam caro, muito caro—segundo os negociantes em questão. No tocante a arroz e açúcar, se não fôssem as restrições do próprio Estado, que proíbe a sua livre importação para favorecer outras entidades, muito mais haveria e o seu custo seria mais em conta. Todavia... ainda um dos dos negociantes que tiveram a fineza de ir junto dos operários à sede da U. S. O. disse que, falando há tempos com o delegado dos abastecimentos aqui no norte, este o informava de que cometem o acto heróico de conseguir cento e tantas sacas de açúcar para um seu amigo, é claro, para seu consumo particular; vindo, ele, comerciante, a saber mais tarde que o tal consumo próprio era esperar por que aquele género encarecesse a fin de vender muito bem vendidinho... Mas...

Os negociantes que assistiram à reunião da U. S. O. referiram-se também à miséria do nosso câmbio e à depreciação, portanto, da nossa moeda, julgando os títicos culpados desta pobreza franciscana os nossos solícitos governantes que não ligam nenhuma ao caos económico porque o país atravessa, antes o contrário, o tornam ainda mais desastrosos. A propósito, citaram que o quilo de bacalhau lhes fica, devido ao câmbio, à razão de 1.80\$, vendendo-o por isso a 1.80\$. Todo quanto se vende a este preço, é pôdre, completamente deteriorado, como deteriorado, afinal já vem, na sua maioria, da sua procedência. Outras afirmações fizeram os negociantes em referência.

Porém, não quer tirar a importância ao comício de amanhã, onde os operários aludirão mais desenvolvidamente a estes factos bem dignos de ponderação.

Por aqui se vê que os governantes se desculparam, vindos todos a ter razão, porque, no fim de contas, os únicos responsáveis destas patifarias são os próprios miseráveis, que se fecham em copas e tratam de esquecer tristezas.

Tanto assim é, que na ocasião de ultimar estas linhas passa na rua, cantando e castanhola, um rancho de

A BATALHA

A popular e divertida revista

O pé de meia
Se os sete sábios da Grécia
Tiveram grande prestígio,
Agora, sete scenógrafos
Fizeram maior prodígio!
Se não, compare-se e veja-se
Quem mais aplausos grangeia;
Se os sete da sácia grecia,
Se os sete do Pé de meia!

meiros e româncas que seguem destino da festa de Santa Eulália...

A U. S. O. distribuiu hoje profusamente um manifesto, do qual recorto a seguir:

O problema da carestia da vida é sem dúvida um dos problemas que põe sua magnitude deva merecer especial atenção a todos os consumidores, mas muito mais a todos os produtoros. A carestia é, de fato, a maior calamidade que se tem sobrepõe aos governantes, que já é uma regalia, que breve entra em vigor, alcançada por toda a classe operária no país. A direcção vai lançar um manifesto à classe, convocando-a para uma proxima reunião magna.

Manipuladores de pão.—Reuniu-se esta classe em assembleia geral, tendo falado os camaradas Francisco Domingos Vasques, Torcato Alves Braga, Manoel Custódio da Rosa e Antônio Marques Cunha. Discutiram-se vários projectos de interesse para a classe, deliberando-se criar um órgão semanal, para fazer a necessária propaganda. Foi abordada, também a questão das oito horas de trabalho que a classe não deve deixar passar por princípio algum, pois que já é uma regalia, que breve entra em vigor, alcançada por toda a classe operária no país. A direcção vai lançar um manifesto à classe, convocando-a para uma proxima reunião magna.

COMUNICAÇÕES

Manipuladores de pão.—Reuniu-se esta classe em assembleia geral, tendo falado os camaradas Francisco Domingos Vasques, Torcato Alves Braga, Manoel Custódio da Rosa e Antônio Marques Cunha. Discutiram-se vários projectos de interesse para a classe, deliberando-se criar um órgão semanal, para fazer a necessária propaganda. Foi abordada, também a questão das oito horas de trabalho que a classe não deve deixar passar por princípio algum, pois que já é uma regalia, que breve entra em vigor, alcançada por toda a classe operária no país. A direcção vai lançar um manifesto à classe, convocando-a para uma proxima reunião magna.

CONVOCACOES

Federacão da Construçao Civil. (Comissão Inter-sindical).—A comissão de melhoramentos da estrada reuniu hoje, na sede, ás 12 horas. Os operários suspensos das obras do Castelo devem comparecer ali ás 14 horas.

Ferroviários do Sul e Sueste.

Esta classe reuniu no dia 29 do corrente, em assembleia geral, a fim de apreciar o relatório dos delegados ao Congresso Operário de Coimbra, nomear uma comissão para rever os estatutos e deliberar sobre a atitude da comissão administrativa perante a greve da C. P.

Fogueiros de Mar e Terra.

Na noite pelas 19 horas e meia para apreciar os trabalhos do Congresso Operário Nacional em Coimbra.

Pedreiros.—Reuniu-se esta sindicato hoje, segunda feira pelas 20 horas, em assembleia geral, para tratar de assuntos que se prendem com a moral dos pedreiros da obra da Morgue de Lisboa.

Fragateiros de Lisboa.

Para apreciar o relatório dos delegados ao Congresso Operário de Coimbra e a questão vidreira da Amora, reuniu hoje a classe em assembleia geral, pelas 20 horas.

Serventes de Pedreiro e Estudantes.

Reuniu-se esta sindicato para tratar de assuntos que se prendem com a moral dos pedreiros da obra da Morgue de Lisboa.

Choque de veículos—Um roubo de cabedais—A Alfândega

PORTO, 21.—Na rua Oliveira Monteiro, um carro eléctrico chocou violentemente com o automóvel do industrial Antônio da Silva e Cunha, ficando estabelecido na rua Areeira, 51, de que por arrombamento, lhe furtaram vários objectos no valor de 3000\$.

—Albino Rodrigues, proprietário de um armazém de ferro, na Rua do Arco de Alvalade, 14, que se queixou de que um seu filho menor lhe furtara a quantia de 1.000\$.

O rapaz foi preso pelo guarda 1847, da 2.ª esquadra, que suspeitou dele, quando dava a guarda a sua mãe na estação do Rossio.

Interrogado, confessou que andava fugido da casa há mais de 18 dias, tendo furtado a sua mãe e os outros não. Coisa de que se elevam a 5.000\$.

Foram ontem enviados para o tribunal: um indivíduo apurado, por João de Carvalho, de se ter ausentado para Castelo Branco, e um homem que suspeitava de ter furtado a sua casa, que é de 1000\$.

O rapaz foi preso pelo guarda 1847, da 2.ª esquadra, que suspeitou dele, quando dava a guarda a sua mãe na estação do Rossio.

Interrogado, confessou que andava fugido da casa há mais de 18 dias, tendo furtado a sua mãe e os outros não. Coisa de que se elevam a 5.000\$.

Foram ontem enviados para o tribunal: um indivíduo apurado, por João de Carvalho, de se ter ausentado para Castelo Branco, e um homem que suspeitava de ter furtado a sua casa, que é de 1000\$.

Os mineiros declararam-se em greve

METZ, 18.—Os mineiros das minas de